

Amor em tempos de Guerra

Quando eu assisto aos noticiários na televisão ou me deparo com qualquer outro meio de comunicação social que relate quaisquer eventos associados às guerras, que são a dura realidade de muitos países, aquilo que nos é descrito é, na sua essência, a humanidade no seu pior. Os meios de comunicação social expõem sempre o lado mais cruel, frio e sombrio que um ser humano pode demonstrar e que tanto caracteriza uma guerra. Talvez assim seja, porque é o que vende mais, mas gostaria de acreditar na minha ingenuidade que a base principal dos noticiários é revelar ao mundo os eventos diários que não deveriam sequer ter lugar. Afinal de contas, talvez a bondade humana seja um aspecto da nossa natureza que deveríamos dar como garantido. Por isso mesmo, as notícias abordam temas como se fossem um alerta, uma chamada de atenção ou uma eventual reflexão para o mal que constantemente habita os quatros cantos do nosso planeta.

Se as guerras não estão no topo da lista, eu diria que deverão estar no meu “Top 5”, de entre as piores coisas em que o ser humano se pode envolver porque, aos meus olhos, as guerras deixam um rasto de destruição e sofrimento, quase que indescritível e em larguíssima escala, ceifando a vida de milhões de cidadãos que apenas estavam a... Viver as suas vidas diárias até então. Pior do que as vidas perdidas, são as vidas de quem fica; as vidas de quem se vê rodeado pelos horrores de uma guerra e que, perante tal cenário, não vê outra hipótese senão tentar sobreviver, enfrentando inúmeras adversidades.

Tudo isto acontece por razões que, através da minha ótica, são extremamente fúteis, a ganância, a imposição desta ou daquela religião ou uma questão territorial. A verdade é que, quem sofre diretamente com os impactos dos caprichos dos líderes de determinados países (e consequentes guerras) são milhões de pessoas comuns, como quem está agora a escrever esta reflexão.

Por outro lado, não concordo que as guerras exponham apenas o pior lado do ser humano pois sou apologista de que é exatamente essa realidade hostil que também expõe o melhor de nós! Só que, essa componente desta equação escabrosa não é compartilhada em massa. A bondade existente nas pessoas é algo que raramente ganha alguma visibilidade. Não se encontra sob os holofotes pois é algo que, *à priori*, deveria ser dado como garantido, mas não é por isso que não deveria ter o seu tão merecido destaque, num mundo cada vez mais inundado por notícias preocupantes, assustadoras, escandalosas e deprimentes. Dever-nos-ia ser concedida uma pequena luz ao fundo do túnel, uma migalha de esperança em como a humanidade não estará tão perdida assim!

Quando se vê duas crianças abraçadas e enroladas em cobertores bem sujos e esfarrapados, somente para se tentarem aquecer um pouco, há quem apenas veja miséria humana no seu

esplendor, ou quem apenas veja os danos colaterais (ou nem tanto assim) de uma guerra. Eu vejo amor na sua maior simplicidade e plenitude.

Quando um menino oferece um pedaço de pão para um outro menino, aparentemente mais fragilizado, enquanto lhe passa a mão pela cabeça (como quem diz que nem tudo está perdido), muita gente vê um cenário de carência nutritiva aliado a desesperança emocional. Eu vejo Amor! Não será necessariamente o tipo de amor que a nossa sociedade costuma “romantizar”, tal como o amor fraternal ou o amor romântico, mas aquele tipo de amor mais primário, mais instintivo e, talvez por isso mesmo, mais importante. Aquele tipo de amor que vem antes de qualquer outro tipo, e que nos deveria fazer pensar que é exatamente esse sentimento que mais nos dignifica como indivíduos.

A cooperação resultante de uma inundação deriva do sentimento de empatia pelo próximo, e é claramente visível quando um jovem, quase sem forças para se manter de pé, não abdica de segurar a mão a uma menina que nem sequer conhece. Esta sensação de dever, quase que instintivo, jamais existiria se não houvesse um sentimento de amor e compaixão ali presentes.

Existe ainda o amor que nasce a partir da perda extremamente dolorosa de quem nos é particularmente querido, como se já não bastasse a saudade de quem se vê obrigado a ir para o campo de batalha, para lutar por quem mais ama, pois, um dos danos mais visíveis e dolorosos resultantes de uma guerra é a perda de inúmeras vidas inocentes, bem como a dor excruciante de quem cá fica.

Resta-me por fim depreender que o amor é também o que nos conduz à união e à determinação em sobreviver em família. É o sentimento que nos induz a abandonar a nossa terra natal, por mais que nos custe, e a seguir na direção de um caminho, o da Esperança! A dor de quem emigra por conta de uma guerra é algo que me é impossível imaginar. A dor em deixar a terra onde se foi criado, bem como a dor de quem foi obrigado a abandonar o país do qual se tem inúmeras memórias, sendo muitas delas boas e construtivas.

A saudade de quem ficou para trás... Isto já para não falar nos inúmeros medos e inseguranças que certamente insistem em pairar na cabeça de quem tenta refazer a sua vida noutro local do globo terrestre. Mas o que mantém estas famílias de pé? É a vontade de continuar a viver e a conviver com quem mais se ama, mas sempre num local mais seguro. As vidas destas pessoas certamente jamais serão as mesmas, especialmente se tinham um vínculo emocional com o local geográfico onde viveram a maior parte delas, mas quero acreditar que, enquanto boas memórias permanecerem na mente e no coração de cada um destes verdadeiros guerreiros, a sua terra natal jamais deixará de existir.

Em última instância, o que quero eu tentar transmitir com o que acabei de refletir? Acredito que esta introspeção aparenta expor alguns indícios de que o amor, nas suas mais variadas vertentes, é o derradeiro sentimento que é capaz de transcender muitas dificuldades em tempos de guerra.

No seio de uma guerra em curso, o amor é aquele sentimento que transcende diferenças entre classes sociais;

É o sentimento que nos une, na procura desenfreada pela sobrevivência;

É o sentimento que desperta em nós muitos potenciais que nem sequer desconfiávamos que tínhamos;

É o sentimento que nos torna mais fortes e resilientes do que qualquer ditador político de determinado país;

É o sentimento que transcende o espaço, quando inúmeras famílias emigram para outra nação;

É o sentimento que transcende o tempo...

O amor é aquele sentimento que transcende a morte de um irmão mais novo de um menino que vai visitar a sua lápide e deixa o seu brinquedo favorito de quando era vivo.

Sim, as guerras exibem o pior que há em nós, mas também existe o reverso da medalha. É-me difícil acreditar na existência das guerras, sem incontáveis demonstrações de amor pelo próximo, até porque quanto maior a violência resultante de uma guerra, mais peso e poder ganham os gestos de amor, pois em tempos tão conturbados, isto é o mais importante!

João Pereira

Agosto 2025